

*deficientes mentais*” aborda alternativas nos procedimentos de ensino, priorizando os aspectos da ludicidade na organização curricular, na busca de romper com práticas que reafirmam as impossibilidades dos deficientes mentais, negando atividades repetitivas e pouco desafiadoras.

“*Brincadeiras e brinquedos na TV para crianças: modificando opiniões de professores em formação inicial*”, artigo de Maria Felisminda de Rezende e Fusari, tem por objetivo, refletir sobre as práticas comunicacionais e educacionais de professores nas escolas, no que se refere à produção social sobre brinquedos e brincadeiras, no âmbito da comunicação televisiva. O “Xou da Xuxa” é o programa escolhido para a investigação e possibilita aos professores em formação questionarem e posicionarem-se sobre os reflexos dos modos de brincar. Mais do que isto, este oitavo artigo aponta para a realidade comunicacional e midiática em que vivemos e abre caminhos para a necessidade de outras formas de investigação e pesquisa sobre a incorporação do lúdico na TV.

Finalmente, Heloisa Dupas Penteado trata, no nono e último artigo: “*Jogo e formação de professores: videopsicodrama pedagógico*”, da formação, do que chamou “professores-alunos”, aqueles capazes de “significar” seu trabalho, através do videopsicodrama pedagógico (uma modalidade do jogo dramático). De forma mais específica, o jogo é aqui concebido como recurso libertador do imaginário e da espontaneidade, possibilitando a emergência de novas discussões e criações, além de facilitador na compreensão de dificuldades em situações de ensino-aprendizagem.

Referencial para aqueles que, de alguma forma, interessam-se pelas questões relativas ao jogo e à educação, pedagogos, antropólogos, linguístas, etc., o conjunto de artigos que englobam esta obra, vêm apontar para estudos atuais, análise de paradigmas teóricos, discussão de pesquisas, alternativas e possibilidades, que explicitam o jogo e o valoriza “como uma ação

metafórica, que contribui para o desenvolvimento integral da criança e propicia a construção do conhecimento”.

### **CRIANÇA: DO REINO DA NECESSIDADE AO REINO DA LIBERDADE**

ARAÚJO, V. C. *Criança: do Reino da Necessidade ao Reino da Liberdade*. Vitória (ES): EDUFES, 1996, 164 pp.

---

*Magali dos Reis Fagundes\**

---

O título deste livro de Vânia Araújo é bastante sugestivo, e já de início nos indica o que vem pela frente. Isso mesmo!!! É uma análise marxista da infância de crianças de 8 a 12 anos. Este estudo envolve um grupo de crianças - trabalhadoras e não trabalhadoras - que frequentam escolas públicas, um grupo de crianças de classe média de uma escola particular e um grupo de crianças que vive em ambientes abertos não-institucionais, neste caso a rua.

A fundamentação teórica do estudo parte da economia-política para analisar a situação social da infância na sociedade brasileira. A autora trabalha conceitos como a expropriação de adultos e crianças frente à natureza humana, a alienação do trabalho, o cotidiano da classe trabalhadora e o efeito massificador do capitalismo.

O livro ainda contempla a manifestação do lúdico na vida da criança e a possibilidade da passagem da criança do reino da necessidade ao reino da liberdade.

Neste sentido a autora busca constantemente uma abordagem dialética sobre a infância. O livro está organizado em cinco capítulos, sendo o primeiro intitulado: “Um olhar fragmentado sobre a criança: a inocência como âlibi do adulto”, onde a autora procura “explicar em que medida a divisão do trabalho

---

\* Mestranda da Faculdade de Educação-UNICAMP

tem interferido no processo ontológico do ser e como o adulto, expropriado de suas riquezas humanas, tem perpetuado na criança os efeitos massificadores do capital sobre o trabalho” (p. 19).

No capítulo II, a “Mistificação da Infância” é analisada procurando, a autora, “discorrer sobre as diferentes vertentes relativas à criança (e) como o caráter ideológico ao conceito de criança vem se estendendo ao longo da história (...) refletindo no universo infantil, o processo de alienação, gerado nas relações sociais de dominação” (p. 45).

No capítulo III - “Ser ou não ser criança: eis a questão?”, a autora investiga a “objetivação de alguns conceitos sobre a criança e a infância, revelados na sociedade de consumo e o modo como tais conceitos têm produzido um estatuto da criança correspondente aos interesses do sistema capitalista intermediado pela classe burguesa” (p. 75).

Nos capítulos IV e V, a autora trata do “Lúdico como elemento de humanização” e a “Criança como sujeito nas relações sociais”, respectivamente.

Contextualizando (capítulo IV) a relação da criança com o lúdico na trama das relações sociais, a autora procura a “articulação de alguns conteúdos que revelem o lúdico como um dos elementos que possibilita à criança produzir-se como infante e como realidade humano social” (p. 103).

No capítulo V, a autora lança mão de “alguns dados que permitem desmistificar a imagem de criança predominantemente na nossa sociedade” (p. 123).

É exatamente aqui que gostaria de chamar a sua atenção. Os dados a que a autora se refere foram obtidos através de filmes, fotografias e principalmente das entrevistas realizadas com as crianças. Estas últimas, me parece, foram fundamentais para o desenvolvimento do estudo e também para a própria elaboração do que chamei de “marco teórico”, ou seja a fundamentação teórica. No entanto, as entrevistas aparecem somente no último capítulo do livro, o que suscita no leitor ao longo do texto, uma grande ansiedade em relação aos

dados obtidos, mas esta só poderá ser superada ao final da leitura. Seria mais instigante, no entanto, se os dados fossem apresentados ao longo do trabalho de maneira a “chamar” a teoria sempre que necessário, provocando assim um “diálogo” com a bibliografia.

O fato de teoria e dados estarem separados em capítulos diferentes, sendo que os dados coletados pelas entrevistas aparecem no final, acaba por suscitar ao leitor a idéia de que as últimas têm um papel apenas ilustrativo no estudo, e não o inverso, ou seja, um papel provocador da própria pesquisa.

Nos anexos também aparecem informações fundamentais, e que poderiam ser desenvolvidas ao longo do texto, e ainda há uma poesia chamada “In Off”, que sugere muitas reflexões mas que é apresentada, lamentavelmente, nas duas últimas páginas no livro.

Embora a explanação teórica seja bastante rica, algumas informações são apenas lançadas ao leitor sem uma definição conceitual clara, como por exemplo, na página 89 a autora utiliza o termo cultura infantil sem no entanto explicar o que se entende por isso. Certamente uma expressão que sugere muitos questionamentos.

E finalmente há que se perguntar: Quem é Vânia Araújo? Como se situa em relação ao seu objeto de pesquisa? Porquê realizou esta e não outra pesquisa?

São perguntas que não podemos responder pois assim como a teoria e dados obtidos se apresentam como um conjunto justaposto de informações, também há o problema de a autora não se situar enquanto sujeito desta pesquisa.

Portanto a forma de exposição desta pesquisa e o posicionamento da pesquisadora em relação ao seu objeto de estudo, contrariam a própria metodologia a que se propõe desenvolver no início do livro.

Contudo a leitura do livro merece ser feita, mesmo porque Vânia teve a corajosa atitude de buscar no marxismo a fundamentação de seu trabalho de pesquisa, num momento em que a comunidade acadêmica está cheia de dúvidas!

Não deixe de ler!!!